

BC manterá juros altos

WLADIMIR GRAMACHO

BRASÍLIA - O Banco Central (BC) deve manter inalteradas as taxas básicas de juros da economia, segundo avaliação dos técnicos da instituição. Diante da instabilidade externa, o Comitê de Política Monetária (Copom), que se reúne hoje para definir as taxas de dezembro, ainda não está à vontade para adotar uma nova trajetória de queda das taxas.

Num momento de intranqüilidade generalizada, seria extremamente ousado para o país começar já a reduzir o ganho financeiro dos investi-

dores estrangeiros - o chamado cupom cambial, que atualmente está acima de 20% ao ano.

Para novembro, a Taxa Básica do BC (TBC) é de 3,05% e a Taxa de Assistência do BC (TBAN) fica em 3,23%. As duas remuneram o BC nos empréstimos concedidos ao sistema financeiro, definindo, com isso, as demais taxas de juros cobradas na economia. Em outubro, antes da crise, a TBC e a TBAN eram de 1,58% e 1,78%, respectivamente. As taxas a serem definidas hoje pelo Copom serão válidas para dezembro.

Na avaliação do BC, a realidade

na Ásia ainda inspira cuidados e cautela do lado de cá do planeta. O governo japonês busca solucionar o potencial colapso de seu sistema bancário e o governo coreano luta para equilibrar seu câmbio e convencer o parlamento a aprovar ajustes na economia. "Qualquer sinal de estabilização, nos momentos atuais, precisa de pelo menos duas semanas para ser confirmado", disse ontem um economista do BC.

Há no governo um discreto otimismo. Os indicadores mais recentes voltaram a indicar recuperação. Com o desempenho dos últimos dias, o

fluxo cambial (entrada e saída de dólares do país) já está positivo tanto no segmento comercial quanto no flutuante, que contabiliza as transações dos investidores.

Além disso, as bolsas de valores andam um pouco menos histéricas e os papéis da dívida externa brasileira insinuam uma recuperação. Mesmo assim, esse discreto otimismo não permite que o BC seja pego de novo no contrapé, como aconteceu em outubro, quando anunciou uma pequena redução da TBAN, de 1,78% para 1,76%, que nem chegou a valer devido à gravidade da crise.